

25 VIII 1989

Os "heróis" estão fatigados

Elton - Onasif

Quando se desiste de recorrer aos médicos que propõem severas cirurgias, muitos se voltam para os curandeiros, que oferecem soluções menos dolorosas. Pode-se perguntar hoje, no País, se a grande maioria dos economistas não está porventura assumindo o papel dos segundos ao impingir mezinhas ou rezas (aliás bem pagas...), para substituir as recomendações dos verdadeiros médicos que sabem que sem o uso do bisturi não haverá em certos casos a almejada cura. Tais reflexões nos acodem diante das propostas antecentem formuladas em São Paulo pelo economista — e prolífico conferencista — John Kenneth Galbraith.

Perante um público que se diria apenas à espera dos oráculos de Delfos, o economista escocês apresentou dois conselhos: que os países devedores se unam para enfrentar os seus credores, não os pagando, e que se estabeleça um congelamento dos preços e salários visando à queda da inflação. Baseia-se o sr. Galbraith sobre a sua experiência do passado, esquecendo-se talvez de que o mundo mudou e de que a presente realidade econômica é bem diversa daquela que se registrava antes da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto temos economistas patrícios que sugerem o encerramento da negociação da dívida externa, através do comitê de assessoramento para

discutir diretamente com cada um dos bancos credores, John Kenneth Galbraith propõe a formação de um cartel dos devedores para que se dê curso a um calote, pensando assim que todos os problemas seriam resolvidos e que voltariam à normalidade, desde que se congelassem, simplesmente, preços e salários.

O sr. Galbraith nunca levou em conta as opiniões de outros economistas, a não seras de lord Keynes, ao longo dos anos abusivamente utilizadas para fortalecer a estatização da economia dos países em desenvolvimento. Parece realmente ignorar essa "revolução silenciosa", à qual se referiu recentemente o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que está reintroduzindo os mecanismos do mercado, de eficiência, ora prejudicada pelo desrespeito aos seus preceitos, conforme o demonstram experiências recentes em numerosos países. A tais mecanismos cumpre acrescentar o acatamento aos contratos, ou pelo menos à negociação destes, como peça-mestra de um regime liberal.

O sr. Galbraith está propondo a formação de um cartel sem se dar ao trabalho de explicar por que, até agora, malograram todas as tentativas levadas a efeito na América Latina nesse sentido. Ao contrário, foram exatamente os países que aceitaram as regras do jogo que lograram sair do impasse e cada

um deles, como se sabe, tem interesses bem diferentes daqueles dos seus vizinhos, do que são exemplos os casos do México ou das Filipinas.

O ex-catedrático dos EUA, que elegeu o calote como instrumento da política econômica, nos diz que não seria o primeiro, que os bancos estão preparados para tanto e que bastaria fazer-se voz grossa para que vencida seja a comunidade financeira internacional. Realmente, enfrentamos uma crise da dívida externa nos anos 30, para a qual se encontrou solução duas décadas depois. Convém notar, todavia, que a situação, à época, era bem diferente. Os credores não eram os bancos, mas os pequenos portadores de bônus, aos quais era mais fácil enfrentar.

Cumpre observar, finalmente, que a não ser no caso de alguns países como a URSS, foi possível, através de um sistema de funding, honrar os compromissos dos juros e do principal. As nações que entraram temporariamente em default não foram posteriormente penalizadas, é verdade.

Há que se lembrar, porém, que tal somente foi possível com a criação de um novo mercado — dos eurodólares — fortalecido pelo surgimento dos "petrodólares", fonte já exangue. Não podemos esquecer que o interesse dos países hoje endividados é o de poder contar com

um novo fluxo de recursos externos, o que certamente não constitui objetivo que se possa colimar com a utilização de um calote.

Ao contrário, podemos pensar que a crise da dívida externa, transformada em alibi para que não se ordene a economia, será logo resolvida mediante renegociação em bases sólidas que não passe pelo calote, no dia em que pudermos oferecer aos investidores estrangeiros uma economia em que impera o mercado.

Pode-se assim verificar como a proposta de um controle rígido dos preços e salários (de efeitos bem conhecidos nos países comunistas...) vai à contracorrente das soluções verdadeiramente eficazes. O sr. Galbraith refere-se à sua experiência norte-americana. Esquece-se de que transcorreu num mundo em guerra, em que predominava a escassez, e em que as fronteiras econômicas estavam fechadas. Foi em regime de liberdade, porém, que os Estados Unidos conseguiram manter a prosperidade de que hoje desfrutam.

O Brasil não necessita de curandeiros, ainda que suas preleções, ou rezas, apresentem, aqui e ali, pitadas de humour. Não devemos recorrer a oráculos, mas a cirurgiões que extirpam corajosamente os males, sem vender ilusões, ou seja, terapias dissociadas de lágrimas e dores.